

## O MARAVILHOSO EM NARRATIVAS DE MARIA JOSÉ DE QUEIROZ

Jaciane Muniz de Aguiar<sup>1</sup>

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos<sup>2</sup>

*“A infância é a grande fonte da nossa vitalidade imaginária. É bem verdade que a imaginação é uma faculdade que se desenvolve em um contínuo, ao longo de toda a nossa vida. Mas é também verdade que a imaginação na infância tem uma sensibilidade especial, que as crianças tendem a se entregar mais livremente à fantasia, e que dá plenitude da experiência imaginária na infância depende em boa parte a saúde psicológica na idade adulta. O poder específico da imaginação da criança tem muitas razões: uma das mais singelas é o fato de a imaginação se nutrir de imagens novas, e para a criança o mundo está cheio de imagens novas”.*

G. Girardello

### 1. Introdução

A Literatura Infantil é um instrumento importante para a construção do conhecimento das crianças, o prazer pelo mundo do imaginário, o despertar pela leitura como um ato de aprendizagem – atividade prazerosa, “a literatura iniciada na infância pode ser a chave para um bom aprendizado escolar” (MARAFIGO, 2012, p. 4). A criança, ao entrar no universo da leitura, tem facilidade para aprender, desenvolver o senso crítico, socializar com as demais crianças e ter uma melhor convivência na escola.

Karina Kouba e Patrícia Fernanda da Silva, no artigo, “Formar ou moldar? caminhos da literatura infantil” (2010), discutem o papel e a função da Literatura Infantil como direcionamento para formação da criança, diante dos comportamentos, como valores e regras.

O aparecimento da Literatura Infantil tem características que refletem o novo “status” concedido à infância na sociedade burguesa do Século XIII, e a reorganização da escola para atender essa nova concepção de infância que necessitava ser educada para a vida adulta, gerando assim uma aliança com Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento de repasse de valores, ensinamento e regras sociais sem que estes objetivos tivessem que estar, totalmente, explícitos, por isso a concepção maior da Literatura se baseia no lúdico, na diversão e entretenimento da criança. (KOUBA; SILVA, 2010, p. 2)

---

<sup>1</sup>Mestranda em Letras Estudos Literários PPGL/Unimontes.  
Bolsista CAPES.

<sup>2</sup>Professora Doutora em Literatura, PPGL/EL – Unimontes.

A infância e a criança se transformaram em temas que, a partir das últimas décadas, representam temáticas no cenário acadêmico e nas políticas públicas. A imaginação torna-se um instrumento ficcional importante para o desenvolvimento da infância, da criatividade e da representação da realidade social, conforme afirma Ilka Schapper Santos, em *A imaginação e o desenvolvimento infantil* (2009).

Atualmente, a Literatura Infantil desenvolve muitos papéis, “o lado Pedagógico, o lado lúdico, a inculcação de valores e regras, mas há também, o lado artístico, estético, a Literatura como representação da realidade, uma via para a leitura do mundo” (KOUBA; SILVA, 2010, p. 2). Os seres fantásticos e maravilhosos criados nas produções literárias são objetos ficcionais a partir da existência do real, uma imagem mental, segundo Amanda Prado Pires (2013), exposta à criança como elemento para sua própria elaboração e desenvolvimento imaginativo.

Regina Michelli argumenta, no artigo “Nas trilhas do maravilhoso: a fada” (2013), sobre a origem do maravilhoso que:

Torna-se necessário recuar ao pensamento mágico que faz parte do imaginário humano e, por isso, está presente em culturas afastadas no tempo e no espaço. As sociedades antigas alimentavam-se do maravilhoso, presente na literatura produzida como mitos, sagas, lendas, fábulas, contos maravilhosos. Numa perspectiva narrativa, o maravilhoso atravessa as eras, vindo das mitologias de diferentes povos, da literatura da Antiguidade greco-romana, passando pelo *Antigo Testamento*, pelos romances de cavalaria da Idade Média. Mesmo com o apogeu de uma mentalidade fundamentada no racionalismo, a partir do Iluminismo do século XVIII e que prossegue pelo positivismo do século XIX, expurgando de certa forma o maravilhoso, ele persiste nos seres familiares, nos ‘causos’ contados nas varandas ou à roda de fogueiras, nas histórias de Harry Potter, nas telas do cinema. (MICHELLI, 2013, p. 61)

Os contos maravilhosos são narrativas que apresentam tramas com seres e objetos mágicos, como anéis, botas, chapéus, caixas, uma vez que as personagens buscam aventuras a partir da realização pessoal. Sendo assim: “Embora o maravilhoso inscreva um mundo sobrenatural, aparentemente irrompe como ordinário e lógico na trama narrativa: torna-se plausível a presença de metamorfoses [...]” (MICHELLI, 2013, p. 62) e de seres que representam o real.

E é exatamente nessa seara de se apresentar mundos e realidades ficcionais e encantadoramente construídos que se insere a escritora Maria José de Queiroz.

Maria José de Queiroz, professora, ensaísta, poeta e escritora. Nasceu em 29 de maio de 1936, em Belo Horizonte. É uma escritora que começou a publicar ainda como estudante. Doutou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais, ingressando como professora de Literatura Hispano-Americana, Brasileira e Comparada na UFMG. Aos vinte seis anos, torna-se catedrática do país, uma mulher reconhecida socialmente pelos seus escritos e pelo seu potencial profissional. Atualmente, reside no estado do Rio de Janeiro, mas transita entre o Brasil e a Europa, onde leciona como professora visitante. Como professora convidada, tem um vasto currículo em importantes universidades americanas e europeias: Indiana, Harvard, Berkeley, Sorbonne, Lille, Bordeaux, Aix-en-Provence, Bonn e Colônia. Dentre sua ampla produção literária, aproximadamente 30 títulos entre poesia, conto, romance, literatura infantojuvenil e ensaios críticos, estão: *O Chapéu Encantado* (1992), *Amor Cruel*, *Amor Vingador* (1996), *Joaquina, filha de Tiradentes* (1999), *Exercício de Levitação* (1971), *Homem de setes partidas* (1980), *Operação Strangelov: a ecologia e o domínio do mundo* (1987), dentre outros livros.

Conforme Maria Lúcia Barbosa, no trabalho *História e Memória na ficção de Maria José de Queiroz* (2018), em 1953, Queiroz começou a colaborar ativamente em revistas, suplementos e periódicos literários do Brasil e da Europa, como o *Suplemento Literário de Minas Gerais* e o *Le Monde Francês*.

A crítica literária de Queiroz teve início em 1961, quando publicou o primeiro ensaio sobre literatura, intitulado *A poesia de Juana de Ibarbourou*, pela Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais. Publicou, desde então, seis romances, cinco volumes de versos, dois livros de contos, duas obras de literatura infantojuvenil, uma autobiográfica e quinze ensaios, cuja temática é a comida, o exílio e o cárcere, a mulher e a própria literatura.

## **2. Maria José de Queiroz: o maravilhoso e a imaginação na Literatura Infantojuvenil**

Como mencionado por Regina Michelli (acima referida), seres e objetos mágicos habitam as tramas de narrativas maravilhosas. De repente, um anel que nos transporta para um mundo fantasioso; uma porta de um guarda-roupa é uma passagem para um mundo de neve habitado por feiticeiras brancas. Espelhos falantes,

bolsas que realizam sonhos, lâmpadas que iluminam as personagens durante os desafios enredados pelos escritores.

E, nesse painel, insere-se *O chapéu Encantado* (1992), de Maria José de Queiroz, em que temos um chapéu como representação fantasiosa e ficcional, que possibilita a realização dos desejos de um garoto.

Maria José de Queiroz cria um garoto que trilha caminhos inusitados e diferentes, fazendo com que a consciência humana sofra uma espécie de pressão. Algumas indagações nos incitam à leitura: como doar? Ou não doar? Ele está com fome? Ele precisa comer? Não tem lugar para morar? Vive na rua? E seus familiares? Por que escolheu a rua?

O personagem Dudu é um garoto preguiçoso para com os deveres escolares, mas que desenvolveu uma atitude brilhante. Um mendigo, cujo nome é Senhor Divino, recebe do garoto um café. Ao doar o alimento para Senhor Divino, o personagem precisou fazer algumas escolhas, desistiu de alguns sonhos e desejos imediatos. Deste modo, surgem as perguntas: “[...] E o café do Seu Divino? Não era pra isso que gostaria de ter dinheiro? Mas... e a coleção de figurinhas que o Nando lhe tinha oferecido? E ainda havia aquela esferográfica de seis cores que Marta queria vender...” (QUEIROZ, 1995, p. 4). A hesitação de Dudu consiste no fato de que precisa optar por comprar o café ou a coleção de figurinhas. Entre dúvidas e angústias, o café ao Senhor Divino é pago. Durante a narrativa, o desvelar do enredo é mágico. A magia e a imaginação tomam conta das personagens, fazendo com que elas desfrutem da criatividade de maneira admirável, em especial na busca de respostas sobre o poder que um ser humano possui para fazer escolhas. O mendigo, que não era um homem comum, presentia o Dudu com um chapéu encantado, o qual é capaz de transformá-lo em um sábio, dedicado e bom aluno.

Temos, na narrativa, para além do significado evidente, um chapéu como representação ficcional imaginária que tem o poder de transformar os sonhos em realidade. Mas, alerta-nos a voz narradora: “Não se pode dizer que Dudu seja muito estudioso. Não, não é. Mas também não é vadio. De modo algum. Cumpre com as obrigações e sempre acaba passando de ano” (QUEIROZ, 1995, p. 3). O garoto é uma

criança que se transforma em uma pessoa estudiosa e dedicada, e percebe-se a metamorfose de Dudu por meio do presente recebido do Senhor Divino. O chapéu é uma peça fundamental para o desenvolvimento do personagem: “– Tome, é seu. – Meu? Mas...por que, Seu Divino? – É um presente. Não disse que Deus ia ajudar você? Pois ele se serviu de mim para dar-lhe este chapéu” (QUEIROZ, 1995, p. 16). A ficção é construída a partir da imaginação, da reinvenção, da magia e do desejo, o que reverbera num processo de metamorfose do Dudu. A representação do chapéu vai além das estruturas estéticas e sociais, uma vez que o acessório permite à personagem adentrar o simbólico, em especial por remetê-lo a uma natureza de representação dentro da representação.

No livro, Queiroz expõe o poder do chapéu, notadamente por meio da imaginação e da magia, diante da sociedade como construção da personalidade identitária do garoto Dudu. Para Pires (2009), a imaginação é capaz de criar algo totalmente novo, mas, quando manifestado no mundo, transforma-se em algo que faz parte de nossa realidade concreta, servindo como elemento para outras imaginações e criações artísticas e literárias.

O chapéu, no conto em tela, erige-se como um objeto que implica uma figuração de transformação de um garoto, através da magia e do maravilhoso. Sem o chapéu, o personagem não tinha motivação para os estudos e seus pais lhes obrigavam a ir à escola. A magia do chapéu, entretanto, foi capaz de proporcionar a Dudu uma progressão e ascensão social desejada: “[...] O chapéu? Dudu usou-o até os exames para a Universidade. Foi aprovado e voltou para casa para contar à mãe que já era acadêmico de Medicina” (QUEIROZ, 1995, p. 44).

O Senhor Divino possibilita ao Dudu vivências espetaculares, ao incitá-lo à imaginação e apontar-lhe o poder de transformação que a magia promove. A imaginação não se repete como formas e combinações iguais, isoladas, mas (re)constrói, (re)cria o novo a partir das impressões acumuladas, pois, “embora a imaginação criadora não seja sinônimo de memória, nela se apoia, já que as novas imagens só surgem a partir das impressões e experiências anteriores” (SANTOS, 2009, p. 164). O chapéu e a magia tornam-se elementos fundamentais para o processo

formativo do garoto Dudu. A infância e o desenvolvimento da imaginação são marcados, na escrita de Queiroz, como mecanismos construtivos da metamorfose do personagem, como se pode notar no fragmento abaixo:

Dizem que um dos proprietários do chapéu – o frade espanhol que viveu na capital do México no século XVIII – nunca morreu. Ele corre o mundo, como o estranho Conde São Germano, que tem hoje mais de três mil anos de idade, fazendo o bem a todos que cruzam o seu caminho. Como Seu Divino gosta muito de crianças, é provável que ele ande pelo Brasil afora a oferecer aos meninos e meninas o seu chapéu encantado. (QUEIROZ, 1995, p. 45)

Após a realização dos desejos e sonhos do garoto Dudu, o chapéu encantado retorna para as mãos do seu primeiro dono – Senhor Divino – evidenciando o poder da magia. Aliás, Senhor “Divino”. O nome da personagem parece mover-se, marcadamente, num sentido metonímico do que ele representa: um mendigo que não era um simples mendigo, mas, sim, um homem que, conforme a narrativa *O chapéu encantado* deixa entrever, era socialmente reconhecido como pertencente a uma realidade inefável e magnífica – e que alerta que o uso exagerado e inadequado do chapéu lhe extinguiria o poder. “Seu Divino notou a mudança operada no menino. Deu-lhe então o livro que tirara do saco. Dudu tomou-o nas mãos” (QUEIROZ, 1995, p. 17).

O personagem Dudu utilizou o chapéu em momentos em que o considerava extremamente necessário, sem exageros, tornando-se, mais tarde, estudioso e bom filho. O chapéu devia ser usado somente para realização do bem: “Não é para exibição nem para provocar inveja. É para aumentar seus conhecimentos e não para fazer crescer a sua soberba! Se proceder com vaidade, ou com orgulho, perde o chapéu” (QUEIROZ, 1995, p. 20).

Interessante o que se lê na novela:

Há chapéus e chapéus: o chapéu cow-boy, o chapéu do gaúcho, o chapéu do tropeiro e do vaqueiro, o chapéu da polícia montada, o chapéu do dançarino de flamenco (dança espanhola), o sombrero mexicano, o chapéu tirolês, o chapéu do jóquei, o chapéu dos membros da Academia Francesa – o bicórnio, mas há, também, o tricórnio, chapéu de três bicos, como há, além desses, uma infinidade de chapéus que as mulheres e os homens elegantes têm usado através dos séculos, como o chapéu sino, o chapéu de abas largas, a cartola, o chapéu-coco, o panamá, o palheta, o borsalino etc., etc. Há, até o chapéu do Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura, que não era senão uma bacia de barbeiro que ele, vaidoso, chamava ‘elmo de Marbrino’. (QUEIROZ, 1995, p. 46)

Nota-se, no excerto acima, que as frases curtas se amalgamam em sentidos conotativos e denotativos para os chapéus, apresentando um desfile de possibilidades dos variados chapéus. Há vários chapéus, referente a cada circunstância pessoal ou profissional. Na narrativa, o chapéu do Senhor Divino aponta para uma realidade de ausência, tornando-a visível, produzindo uma ocorrência de pluralização das representações possíveis, as quais remetem a outras e não se sobrepõem, reclamando para esta ou para aquela maior validade, segundo afirma Maria Lúcia Barbosa no trabalho anteriormente citado (2018). Na narrativa, o chapéu não se caracteriza como um objeto da moda, mas, sim, como figura mágica que, quando correlacionada ao pensamento, resulta na realização de necessidades que atravessam um processo de maturidade do protagonista. Nesse sentido, *O chapéu encantado* (1992) apresenta acontecimentos possíveis de realização no campo do maravilhoso, que, no desenrolar do enredo, reverberam-se na concretização dos desejos: “o maravilhoso puro é a única narrativa que não procura algo para justificar sua história; simplesmente os fatos são aceitos, leitores e personagens vivem momentos mágicos sem qualquer questionamento ou explicação” (CORDEIRO; GRADE, 2008, p. 90).

Para Mariana Sbaraini Cordeiro e Luciana Grade, o mundo maravilhoso e de fantasias faz parte do universo infantil de todas as crianças, uma vez que “a literatura é uma das formas de vivenciar isso, pois leva o leitor a andar por caminhos nunca antes percorridos e, portanto, dificilmente aceitos pelo real” (CORDEIRO; GRADE, 2008, p. 87). A magia e a imaginação são como construção imagética de um universo de representações ficcionais presentes nos enredos de obras infantis. O poder da magia e das metamorfoses presentes no contexto do maravilhoso e o encantamento produzido pelo chapéu encantado transformam sonhos em realidades, “parecendo fazer parte de um mundo natural, mas evidentemente não faz” (MARINHO, 2006, p. 43).

Nas palavras de Cecília Carolina Álvares Marinho, na tese “Contribuições para uma poética do maravilhoso: um estudo comparativo entre a narratividade literária e cinematográfica” (2006):

A ideia do maravilhoso surge primeiramente dentro do pensamento mágico e, dessa forma, antes de ele ser estetizado pela literatura, aparece intrínseco no imaginário humano e, portanto, dotado de um caráter universal que se manifesta em todas as sociedades ou grupos sociais. O

maravilhoso tem seu substrato exatamente esse pensamento mágico que origina, dentre outros, o pensamento religioso, criando os mitos e as diversas religiões. Se comparamos as mitologias oriundas das diferentes civilizações, como a egípcia, a grega, a suméria, a hebraica, etc., notaremos que todas elas têm a preocupação de explicarem a gênese do mundo, os fenômenos naturais e a condição humana por meio de mitos e de alegorias. (MARINHO, 2006, p. 18)

O maravilhoso apresenta-se interligado ao poder da magia e da transformação social, de forma que a ficção desenvolva domínios que possibilitam às personagens, juntamente com os leitores, vivenciarem um universo de encantamentos e possibilidades de conquista do objeto desejado.

*Operação Strangelov: a ecologia e o domínio do mundo*, de Maria José de Queiroz, publicada em 1987, é outro texto que apresenta ações e personagens que buscam o domínio do mundo por meio de uma revolução ecológica, sem mortes, sem fome e sem sofrimento. O maravilhoso inscreve-se, nesta narrativa, pelo fato de um único homem – Dr. Strangelov – dominar o mundo, mesmo que em pouco tempo, com a ecologia e animais (borboletas e abelhas).

Para Maria José de Queiroz, na contracapa do livro, o Dr. Strangelov não quer, como o Dr. No, recorrer a bombas nem a mísseis para dominar a humanidade, a natureza lhe oferece melhores recursos para isso. É deles que se serve na sua cruzada tirânica, tornando-se, facilmente, um dos mais poderosos chefes de Estado do globo. Desse modo, parece tratar-se de um exemplo do que afirma a pesquisadora Maria Lúcia Barbosa: “[A] obra de Queiroz é marcada pelos deslocamentos das personagens [...] converge para uma representação mais abrangente dos eventos históricos a que são referidos, bem como das relações sociais do conjunto das narrativas” (BARBOSA, 2018, p. 103). História movimentada, com um desfile de personagens famosas como Ulisses, Mata-Hari e Pedro Malasartes, o enredo possui informação, divertimento e apresenta-se como um convite a uma viagem ao mundo das palavras, aludindo a um repertório de conhecimentos diversificados.

Na narrativa *Operação Strangelov: a ecologia e o domínio do mundo*, observa-se a intertextualidade entre discursos (filosófico, o mitológico, o biológico, o político e o discurso religioso) como forma de construção de sentido para dominação da humanidade – os ministros do Dr. Strangelov eram especialistas nas diversas áreas,

demonstrando relação entre a ciência e as artes em geral. O domínio do mundo – que, aliás, parece ser um objetivo de muitos – na história, requereria conhecimento, habilidade e, principalmente, competência para realização do plano, para que o personagem obtivesse êxito. Tamara Maria Bordin, em “O saber e o poder: a contribuição de Michel Foucault” (2014), afirma que:

Um discurso é produto da sua época, do poder e saber de seu tempo. Por isso ele não se preocupa em entender como esta prática enunciativa era efetuada no passado, mas sim, busca evidenciar esta abordagem como uma prática do presente do indivíduo e como forma de poder. (BORDIN, 2014, p. 228)

O poder está estabelecido nos discursos, e se realiza tanto nos que o exercem quanto nos que são hostilizados, e, assim, aceitam tais mecanismos. Os discursos de verdade são causados por meio dos comportamentos, linguagens, valores que se refletem nas relações de poder, de maneira a aprisionar ou não indivíduos, conforme Bordin (2014).

No decorrer do livro, a operação Strangelov se desenvolve rapidamente, tornando os meios de comunicação dominados pela ambição humana. O mundo adapta-se aos pensamentos de um homem que, no final da narrativa, perde o poder por meio da intervenção de Joãozinho Olho-Vivo e Maria-Periquita. Conforme Michel Foucault, o “poder produz saber [...] não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (2010, p. 30). O poder é um domínio constituído pelos diferentes *status* científico; o saber é o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso, e em que os discursos se transformam e se aplicam às diversas esferas comunicativas (FOUCAULT, 2010).

A personagem Dr. Strangelov utiliza um discurso de poder e de saber cada vez mais forte, tendo, sob seu domínio, todas as riquezas do mundo civilizado, como, por exemplo, a torre Eiffel, a Mona-Lisa e a Vitória de Samotrácia, que passam a integrar o seu tesouro (QUEIROZ, 1987).

Importante ressaltar que o livro de Queiroz, por meio das referências a obras e obras clássicas e a edificações que pertencem a um patrimônio universal, instiga o leitor a convocar o seu repertório cultural de leitura, a fim de que possa melhor fruir

dos sentidos a que a narrativa alude atinentes à ascensão de poder e prestígio – que parecem ser o objetivo de muitos. Por outro lado, parece tratar-se também de uma grande ironia ao apresentar um personagem que domina e se apodera de todas as riquezas do mundo civilizado valendo-se de uma guerra ecológica – do domínio das borboletas e das abelhas.

Os conhecimentos acerca das borboletas e das abelhas tomaram conta da cidade, das escolas e da população e “num instante toda a meninada aprende a soletrar mel em inglês – *honey*, em francês – *lemiel* [...] Nunca se estudou tanto. Nem com tal prazer. Os professores ensinavam com doçura; os alunos deliciavam-se [...]” (QUEIROZ, 1987, p. 33). Nesse mundo fantasioso, o conhecimento acerca das borboletas e das abelhas se espalha pela sociedade, como forma de imposição e dominação. O personagem domina o mundo, sem guerra e sem violência.

No texto de Queiroz (1987), as ideias de cada ministro se voltavam a formas destruidoras, por exemplo: o mundo coberto pela poluição, pelas indústrias, pela destruição da Amazônia, de gases mortais, dentre outras questões com o objetivo de extinção humana. No entanto, Strangelov recusa-se a adotar essas estratégias e mostra aos ministros que o mundo deverá ser dominado por uma operação biológica.

Para Debert e Gregori, em “Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas” (2008), o poder é peça fundamental para o desenvolvimento do personagem Dr. Strangelov, assim como a violência não depende de números ou de opiniões, mas de formas de implementação; e as formas de implementação da violência, como todos os demais instrumentos, aumentam e multiplicam a força humana. A violência acompanha o ser humano a todo tempo, e o poder são normas e regras que devem ser seguidas como constituição dos direitos e deveres de cada indivíduo. Assim:

Analisar como os personagens ajudam a construir esta narrativa é fundamental, pois são responsáveis em abrir as portas do enredo para a magia, elevando o clima de fantasia vivida na obra, sendo essencial para atrair a atenção dos leitores, principalmente dos jovens leitores, pois proporciona uma visão pessoal e fantástica do mundo, sendo capaz de inserir o leitor em um mundo maravilhoso, cheio de aventuras, sentimentos e principalmente conhecimentos, que ‘Ensina a ver, a escutar, a pensar por si mesmo’. (CORDEIRO, GRADE; apud HELD, 2008, p. 88)

O personagem Dr. Strangelov é um homem ambicioso, esperto, e o enredo gira em torno da sua habilidade de posse do mundo e das galáxias. Para Cordeiro e Grade

“é interessante esta forma de narrativa que chama a atenção de pequeninos leitores, fazendo-os encontrar-se com a literatura desde muito cedo” (2008, p. 88) – especialmente porque a narrativa do maravilhoso torna os leitores críticos e favorece a formação de sua personalidade, de forma a torná-los “capazes de enfrentar as diversas situações que a vida lhes proporcionará” (CORDEIRO; GRADE, 2008, p. 88).

Em *Operação Strangelov*: a ecologia e o domínio do mundo, o conhecimento e a ambição do personagem inicialmente obtiveram êxito, porém, a desigualdade social fez com que o fracasso acontecesse, impossibilitando o personagem da ocupação de outras galáxias. Nesse sentido, é importante retomar Bordin, que no texto “O saber e o poder: a contribuição de Michel Foucault” (2014) afirma que a relação de poder e saber são as combinações que formam o indivíduo, uma vez que o conhecimento é um produto das relações de luta, das relações de poder, e portanto, a verdade é algo histórico, é uma luta entre os poderes, os sujeitos.

“A era de Strangelov chegou a fim antes que se iniciasse a conquista de outras galáxias. Sepultou-se no esquecimento o seu sonho de domínio. Sem olhar para trás, cada ministro tomou seu rumo” (QUEIROZ, 1987, p. 52). E o mundo torna-se livre da loucura de um homem que pensa em si e dominou a sociedade com atitudes egoístas, voltadas apenas para seu próprio e egóico prazer.

### **3. Conclusão**

O maravilhoso está presente nas obras da Literatura desde os seus primórdios até a contemporaneidade, o que evidencia a potência desse gênero, com criação e apresentação de eventos e de personagens realizados por meio dos mitos, sagas, lendas e fábulas.

Com seres sobrenaturais e fantásticos e personagens as mais inusitadas possíveis, com objetos, chapéus, anéis encantados, chaves que abrem quaisquer portas, metamorfoses, dentre outros, o gênero possibilita o encantamento e a magia, e faz viver a imaginação das mais diferentes naturezas.

Nessa mirada, as narrativas de Maria José de Queiroz – como se procurou demonstrar neste trabalho – exemplificam a tomada de fatos reais como referência inicial para se construir conteúdos ficcionais maravilhosos para pequenos leitores,

notadamente os que trazem personagens que buscam a realização pessoal em aventuras sobrenaturais – e com a presença, por exemplo, de objetos mágicos, chapéus, animais, máquina do tempo.

*O chapéu Encantado* (1992) e *Operação Strangelov: a ecologia e o domínio do mundo* (1987) são narrativas de Maria José de Queiroz que se inscrevem no maravilhoso, em que personagens audaciosos e ambiciosos, e objetos diversos, desempenham uma função primordial de realização dos desejos. O garoto Dudu, por meio do chapéu, realiza todos seus sonhos, e mostra aos leitores o poder estabelecido pela magia. O personagem Dr. Strangelov, através do desejo de dominar o mundo, recorre desenvolve alternativas que, ao fim, são assinaladas pela comicidade – também realizando um teor mágico e maravilhoso. As duas narrativas possibilitam a leitores e leitoras refletirem sobre a realidade, mas pelo viés da magia e do maravilhoso descritos na ficção – feito, certamente, que aponta para a inescotabilidade da criação artística desta discreta, mas relevante escritora mineira.

#### Referências

- BARBOSA, Maria Lúcia. *História e Memória na ficção de Maria José de Queiroz*. Belo Horizonte, 2018.
- BORDIN, Tamara Maria. O saber e o poder: a contribuição de Michel Foucault. *SABERES*, Natal RN, v. 1, n. 10, p. 225-235, nov., 2014.
- CORDEIRO, Mariana Sbaraini; GRADE, Luciana. Redescobrimo o maravilhoso em companhia de Lobato. *ANALECTA Guarapuava*, Paraná, v. 9, n. 2, p. 87-101 jul./dez., 2008.
- DEBERT, Guita Grin; GREGORI, Filomena Gregori. Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas. *RBCS* (Revista Brasileira de Ciências Sociais), v. 23, n. 66, fev., 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- KOUBA, Karina; SILVA, Patrícia Fernanda da. Formar ou moldar? Caminhos da literatura infantil. Anais da II JOPED. *II Jornada Pedagógica Lulupe – olhar multidisciplinar sobre a ludicidade*, 2010. Disponível em: [http://www.joped.uepg.br/2010/anais/painel/20044\\_1\\_FINAL.pdf](http://www.joped.uepg.br/2010/anais/painel/20044_1_FINAL.pdf). Acesso em 12 de jan. 2022.
- MARAFIGO, Elisângela Carboni. *A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores*. São Joaquim: Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba, 2012. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Elisangela-Carboni-Marafigo-Padilha.pdf>. Acesso em 12 de jan. 2022.

MARINHO, Cecília; ÁLVARES, Carolina. *Contribuições para uma poética do maravilhoso: um estudo comparativo sobre a narratividade literária e cinematográfica*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

PIRES, Amanda. *Infância e imaginação criativa: Um Estudo de Caso em uma Escola de Educação Infantil de Pedagogia Waldorf/Amanda Pires*. Florianópolis, p. 59, 2013.

QUEIROZ, Maria José de. *O chapéu encantado*. 3.ed. Ilustrações de Cláudio Martins. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.

QUEIROZ, Maria José. *Operação Strangelov: a ecologia e o domínio do mundo*. 2.ed. Belo Horizonte: Vigília, 1987.

SANTOS, Ilka Schapper. A imaginação e o desenvolvimento infantil. *Educ. foco, Juiz de Fora*, v. 13, n. 2, p. 157-169, set. 2008/fev., 2009.